

## **A leitura e o ensino de literatura do Espírito Santo no ensino médio: tensões e divergências**

### **The Reading and Teaching of the Literature of the Espírito Santo in Middle School: Tensions and Divergences**

Roney Jesus Ribeiro<sup>1</sup>  
Universidad San Carlos  
Universidade Federal do Espírito Santo

**Resumo:** Discutir o ensino de literatura muitas vezes pode parecer uma tarefa desnecessária, dado ao fato de muitas pessoas o imaginarem como instrumento de entretenimento e não de formação. Ao contrário do que se pensa, sabemos que, se a literatura for apresentada de modo atraente, pode fazer com que o aluno desperte o gosto pela leitura. Para o ensino das manifestações culturais e literárias, propomos aqui uma reflexão sobre ensino e leitura de literatura do Espírito Santo em salas de aula do ensino médio. Dessa forma, pretendemos tratar como a literatura regional é inserida no ensino médio estadual e o que orienta o Currículo Básico das Escolas Estaduais do Espírito Santo (CBEE-ES) para a sistematização dos conhecimentos culturais literários produzidos no estado brasileiro do Espírito Santo em sala de aula.

**Palavras-chave:** Leitura e Ensino de Literatura; CBEE-ES; Espírito Santo.

**Abstract:** Discussing the teaching of literature can often seem an unnecessary task, given that many people imagine it as an entertainment tool rather than a training tool. Contrary to popular belief, we know that if the literature is presented in a compelling way it can make the pupil arouse a taste for reading. For the teaching of cultural and literary manifestations, we propose here a reflection on the teaching and reading of literature of the Espírito Santo in high school classrooms. Thus, we intend to treat how the regional literature is inserted in the state high school and what guides the Currículo Básico das Escolas Estaduais of the Espírito Santo (CBEE-ES) to systematize literary cultural knowledge produced in the Brazilian state of Espírito Santo in the classroom.

**Keywords:** Reading and Teaching of the Literature; CBEE-ES; Espírito Santo.

## **Introdução**

O ensino de literatura tem sido discutido em diversos eventos da área de letras e educação em âmbito geral. Sabemos que a literatura por muito tempo foi vista como um instrumento de entretenimento e *hobby*, mas não se pode perder de

---

<sup>1</sup>Doutorando em Educação (USC); Mestre em Educação (UA/UFRJ), Especialista em Literatura, Cultura e Arte (FACEC); Pós-graduando em Educação, Pobreza e Desigualdade Social (UFES). Graduado em Artes Visuais (UNIMES); em Letras Português/Espanhol e em Letras Português/Inglês (FACIASC). Professor nas disciplinas de Arte e Língua Portuguesa e Literaturas na SEDU. Membro do grupo de pesquisa “Literatura e Educação”, registrado no Diretório de Grupos de Pesquisa (DGP) do Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (CNPq). E-mail: roney-ribeiro@hotmail.com.

vista que essa manifestação cultural tem a função importante de servir como elemento de denúncia social e socialização do cidadão. Nas aulas de Língua Portuguesa e Literatura, esse caráter de formação cidadã muitas vezes se perde dado ao fato de muitos professores usarem a literatura em suas salas de aula apenas como forma de analisar textos literários, tendo como meio norteador o panorama histórico e periodização que permeia a literatura e sua evolução no decorrer dos tempos.

Neste estudo pretendemos abordar o ensino da literatura produzida no Espírito Santo em salas de aula das escolas estaduais de ensino médio, tomando por base reflexões e as orientações do Currículo Básico das Escolas Estaduais do Espírito Santo (CBEE-ES) para o ensino da literatura produzida em terras capixabas. Para chegar aos resultados esperados e fazer com que leitor deste trabalho compreenda tal sistemática analítica, lançamos como questões norteadoras as algumas de nossas inquietações.

A literatura em suas representações políticas, sociais e culturais é passível de ensinar? As aulas de literatura no ensino médio têm sido suficientes para fazer com que os alunos tenham gosto pela leitura? O contato com a literatura do Espírito Santo em salas de aula de ensino médio pode ser uma alternativa significativa para que o aluno tenha gosto pela leitura? Como a SEDU<sup>2</sup>, por meio do currículo básico comum, aborda o ensino de literatura capixaba nas escolas públicas de ensino médio?

Levando em consideração as muitas mudanças ocorridas na cultura educacional e o avanço científico dos estudos do “Educação literária e leitura de Literatura no contexto formal escolar”, é fundamental apoiarmo-nos nos estudos de pesquisadores e teóricos-críticos da área do discurso, tais como Barthes (2007), Bessone (1999), Cereja (2005), Lajolo (1993), Todorov (2009), Zanine e Santos (2013) e Zilberman (2012) e em outros que, direta e/ou parcialmente, norteiam a realização deste estudo. Dessa forma, propomos por meio do presente texto uma reflexão sobre ensino e leitura de literatura do Espírito Santo em salas de aula de ensino médio das escolas capixabas.

---

<sup>2</sup>Secretaria de Educação do Estado do Espírito Santo.

## Ensinar literatura na escola?

Definir literatura como instrumento passível de ensinar é basicamente tarefa impraticável, pelo fato desta fazer parte dos fenômenos culturais. No ensino de literatura na escola de educação básica verifica-se, a todo o momento, certo engessamento, ocasionado pela forte tendência à teorização da literatura a partir de sua história, dividida em períodos e/ou escolas literárias. Assim, entramos em defesa do professor de Língua Portuguesa e Literatura. Compreendemos não ser adequado que caiba a esse profissional, já obrigado a trabalhar com pelo menos três áreas da disciplina de Língua Portuguesa<sup>3</sup>, fazer o que a teoria literária não deu conta de fazer. Em consideração à literatura, o crítico literário capixaba Francisco Aurélio Ribeiro (2012) acrescenta que:

A Literatura, segundo Antonio Candido, constitui-se de “criações de toque poético, ficcional ou dramático em todos os níveis de uma sociedade, em todos os tipos de cultura, desde o que chamamos folclore, lenda, chiste, até as formas mais complexas e difíceis da produção escrita das grandes civilizações”. Nesse aspecto, a literatura, em seu sentido amplo, é uma manifestação universal de todos os homens, em todas as épocas (RIBEIRO, 2012, p. 13-14).

A literatura enquanto elemento de expressão situa-se em um espaço e em um tempo. Por isso, o ensino do fenômeno literário deve buscar meios de tratar as manifestações e as formas expressivas que perpassam o contexto social a partir de uma ordem histórica e cultural. Não afirmamos aqui, a partir do disposto no discurso anterior, que a literatura seja passível de ensinar. Mas sabemos também que, a partir da leitura literária, o sujeito em formação vai aos poucos despertando para o universo literário-cultural. A literatura é um todo repleto de informação e conhecimento que possibilita a todos os sujeitos sociais ascensão intelectual e cultural.

---

<sup>3</sup>Referimo-nos às áreas de Língua Portuguesa (gramática e funcionamento da linguagem), Literatura (englobando Literatura Brasileira e Portuguesa) e Produção Textual (que a SEDU tradicionalmente, ainda permanece chamando de “redação”, em descompasso com o avanço dos termos na área de linguagem). Vale lembrar que no estado do Espírito Santo há alguns anos utilizou-se da estratégia de ter um professor para cada uma dessas áreas da linguagem, conforme suas aptidões e gosto. Compreendemos que daquela forma o ensino de Língua Portuguesa chegou a funcionar melhor, já que o professor formado em Letras não se via obrigado a trabalhar com uma representação linguística-cultural que não estivesse dentro de seu interesse. No entanto, por meio de encaminhamentos desconexos à melhoria do ensino, a SEDU voltou a condensar as três áreas como função de um único professor.

Até mesmo por meio dos manuais didáticos é possível aguçar nos educandos o desejo e o gosto pela leitura. Não nos referimos aos fragmentos de obras que o livro didático apresenta e sim às sugestões de textos e de obras dos mais diversos autores nacionais e estrangeiros que esses manuais oferecem ao leitor em formação. Nas práticas de leitura realizadas em sala de aula, o professor pode apresentar o livro paradidático ao aluno como um recurso a mais para leitura literária e, no contato com esse suporte impresso, o educando vai folheando e se familiarizando com o universo literário. Com relação ao uso do livro didático na sala de aula, as Orientações Curriculares para o Ensino Médio (OCEM, 2006) asseveram que:

O livro didático, como lembramos anteriormente, pode constituir elemento de apoio para que se proceda ao processo de escolha das obras que serão lidas, mas de forma alguma poderá ser o único. Os professores devem contar com outras estratégias orientadoras dos procedimentos, guiando-se, por exemplo, por sua própria formação como leitor de obras de referência das literaturas em língua portuguesa, selecionando aquelas cuja leitura deseja partilhar com os alunos (BRASIL, 2006, p. 64-65).

Conforme Lajolo (1993), em seu ensaio “O texto não é pretexto”, diz que o texto pede uma contextualização em torno das características da obra em contexto. Para tanto, vale pensar que “ler não é decifrar, como num jogo de adivinhações, o sentido de um texto”. Por isso, a partir do contato com o texto literário, o aluno precisará “ser capaz de atribuir-lhe significação, conseguir relacioná-lo a todos os outros textos significativos para cada um, reconhecer nele o tipo de leitura que seu autor pretendia” (p.59).

O professor na sala de aula não é um detentor de todas as verdades. Ele é um mediador das práticas de leitura e, fazendo uso das estratégias de educação literária, contextualizará a história da literatura com relação às obras e escritores, a fim de que os alunos façam a reflexão do lugar e do papel desses artistas no contexto social brasileiro. É válido asseverar que o ensino com base na história literária, a partir da periodização e/ou das escolas literárias, tem sido muito debatido e criticado entre pesquisadores das áreas de Letras e Educação. O objeto desses debates é refletir sobre melhores formas e metodologias adequadas para apresentar a literatura aos educandos, e dessa forma mudar a maneira errônea e fragmentada que as escolas de ensino médio se valem há muito tempo para ensinar literatura.

Reconhecemos a importância do percurso histórico da literatura, mas não partilhamos da ideia de que ensinar literatura apenas pelo viés da periodização seja viável para fazer com que o aluno goste de leitura e de literatura. A literatura no contexto escolar deve servir como meio de igualdades entre os sujeitos ali inseridos. É por meio da literatura que as pessoas passam a ver o mundo com outros olhos, e também a duvidar de todas as “verdades” que lhes são contadas no decorrer de sua vida. Dessa forma, Ribeiro (2012) reitera, que:

“A literatura desenvolve em nós a quota de humanidade na medida em que nos torna compreensivos e abertos para a natureza, a sociedade e o semelhante”. Por tudo isso, ela continuará sendo ensinada e lida neste século, e essencial, enquanto houver vida humana. Voltemos aos livros, pois. Que eles nos ensinem o sentido do “humano”, que perdemos, e a recuperar o “tempo da delicadeza”, de que nos fala Chico Buarque, em “Todo sentimento” (RIBEIRO, 2012, p. 15).

A leitura é o espaço em que “o texto ganha sentido e adquire eficácia, isto é, sem leitor o texto é apenas um texto virtual, sem essência verdadeira” (RECOEUR, 1997 *apud* BESSONE, 2009, p. 103). Então para que o texto literário jamais perca sua essência e se torne matéria sem valor, será necessário que professor e alunos o mantenham presente em seu processo de interação na sala de aula.

### **O ensino de literatura hoje**

A literatura, enquanto expressão cultural, está presente no contexto social há anos. As representações literárias são mais antigas do que imaginamos. Os primeiros vestígios que registram a presença da literatura no meio social destacam que seu aparecimento se deu por meio da expressão oral. Mesmo de modo oral, desde muito cedo a literatura representou “a expressão da realidade” (CANDIDO, 2006, p. 20).

A imprensa tardou um pouco a surgir. Mas após a sua criação, a imprensa e os recursos tipográficos evoluíram dando vida ao livro. Como destaca Bessone (2009), o “livro, tal como o conhecemos agora, foi obra do engenho humano através dos tempos” (p.1). A engenhosidade dos homens fez com que a vida humana se aproximasse da literatura por meio de suas leituras de mundo e, respectivamente,

dos livros. Zinane e Santos (2013) falam por meio de seus estudos sobre a relação entre a literatura e a vida humana.

A literatura tem acompanhado o ser humano, provendo-o com a ficção necessária para enfrentar os obstáculos da vida, bem como tentando responder aos seus questionamentos fundamentais. Além disso, como uma modalidade privilegiada de comunicação, possibilita a instauração do diálogo entre textos e leitores de todas as épocas (ZANINE; SANTOS, 2013, p. 01).

De grande valia seria se, de fato, ocorresse uma efetiva instauração do diálogo entre os textos e os leitores de todas as épocas. Cereja (2005) acrescenta que “embora circule nas aulas de literatura um discurso didático sobre o literário, quase sempre nelas o texto literário propriamente dito é pouco trabalhado e vivenciado pelos alunos” (p. 11). Isso possivelmente se dá pelo fato do professor perder muito tempo em leituras da história da literatura e fragmentos dos clássicos da literatura brasileira, basicamente para responder questões, esquecendo-se de, por meio do texto literário, trabalhar a estética e a sensibilidade.

A literatura na escola de ensino médio muitas vezes é ensinada para o cumprimento de um conteúdo programático escolar bimestral, trimestral ou até mesmo anual. Ensinar literatura apenas para cumprir normas limita o professor às práticas pedagógicas pouco reflexivas. Em consequência disso, muitos professores de Língua Portuguesa e Literaturas restringem-se ao uso do livro didático em suas práticas de ensino, não procurando outras possibilidades de trabalho com uso da leitura literária.

Ainda que o livro didático seja um instrumento importante na mediação do saber, seu uso na escola deve ser moderado. Não demonizamos o uso do livro didático, pois sabemos que este recurso é necessário em sala de aula e muitas vezes contribui bastante para a concretização de boas aulas e práticas de ensino.

Compactar o ensino de literatura às práticas de leitura dos conteúdos<sup>4</sup> apresentados pelo livro didático não garante ao aluno aprender e nem lhe incita o desejo de conhecer a obra literária e sua essência com concretude. O professor em suas aulas deve explorar a literatura no intuito de que o educando adquira o gosto pela leitura. A fragmentação dos estudos da literatura na escola de ensino médio

---

<sup>4</sup>O estudo da história da literatura e de fragmentos das obras dos escritores que se destacaram em todas as escolas literárias.

não tem produzido práticas de leitura satisfatórias. Cereja (2005), em sua tese “Ensino de Literatura: uma proposta dialógica para o trabalho com literatura”, reforça:

Depois de anos de estudo de literatura, os jovens brasileiros deixam o ensino médio sem terem desenvolvido suficientemente certas habilidades básicas de análise e interpretação de textos literários, tais como o levantamento de hipóteses interpretativas; rastreando as pistas ou marcas textuais; reconhecimento de recursos estilísticos e sua função semântico-expressiva; relações entre a forma e conteúdo do texto; relação entre elementos internos e os elementos externos (do contexto sócio histórico) do texto; relações entre o texto e os outros textos, no âmbito da tradição; relações entre texto verbal e não verbal, etc. (CEREJA, 2005, p.54).

Isso possivelmente ocorre pelo fato de muitos professores apresentarem a seu alunado apenas um conhecimento fragmentado da literatura. Haja vista que o ensino de literatura no ensino médio é pautado na ‘história da literatura’, o que de fato traz consequências significativas no ensino e nas práticas realizadas em sala de aula. Para Cereja (2005), a transmissão dos conteúdos ensinados nas aulas de literatura “é feita de modo oral e expositivo pelo professor, que, às vezes, faz a mediação entre o autor do manual didático adotado e os alunos” (p.56).

Como consideramos antes, o livro didático deve fazer parte do processo de ensino e aprendizagem, mas ele não pode ser compreendido como o único instrumento de mediação de ensino e sistematização da literatura no contexto escolar. A leitura literária restrita aos trechos e/ou resumos de obras apresentados pelos livros didáticos oferece ao aluno uma visão muito pequena e fragmentada do texto integral. Isso prejudica consideravelmente o modo como os alunos percebem as obras literárias, o contexto e o momento em que esses textos foram produzidos.

O trabalho com literatura requer muita leitura, reflexão e análise. O professor, às vezes tão preocupado em atender às exigências da escola, apresenta o conteúdo de modo mecânico, resumido e fragmentado, focando com maior ênfase a produção de texto e os estudos gramaticais. Na busca por atender à demanda da escola, o livro didático serve ao professor como ‘salvador da pátria’ e, com isso, o ensino da literatura baseia-se nas pequenas prévias feitas pelo manual.



## **A literatura do Espírito Santo em sala de aula**

Ensinar é uma arte e um ato político. Tal ação vai além da mera transmissão de conteúdos inerentes à história literária. A literatura enquanto instrumento de repercussão política e denúncia social é também instrumento de poder. Por isso, para tratar de tais temáticas, o professor precisa se eivar de um caráter indagador e, assim, por meio de um discurso artístico, político e literário, vai explanando o universo literário de modo a sensibilizar seu aluno para importância de se fazer usufruto dessa manifestação cultural.

Sem dúvida ensinar, falar simplesmente, fora de toda sanção institucional, não constitui uma atividade que seja, por direito, pura de qualquer poder: o poder aí está emboscado em todo e qualquer discurso, mesmo quando este parte de um lugar fora do poder. Assim, quanto mais livre for esse ensino, tanto mais será necessário indagar-se sob que condições e segundo que operações o discurso pode despojar-se de todo desejo de agarrar (BARTHES, 2007, p.10).

Ensinar com liberdade parece-nos ideal e ponto preponderante para o processo de aprendizagem do aluno. Esse talvez seja o ponto de partida para o trabalho com a literatura do Espírito Santo em salas de aula do ensino médio. Conforme dispõem os CBEE-ES (2009) é importante “possibilitar o conhecimento das escolas literárias, obras e autores, inclusive da literatura capixaba” e “ensejar momentos para o estudo das origens da cultura capixaba e da formação da sua identidade histórico-cultural” (p.68).

Para colocar em prática o que sugerem os CBEE-ES (2009), vemos a necessidade de, além das obras de escritores que compõem o cânone da literatura nacional, apresentar aos educandos do ensino médio tanto os principais como os novos nomes<sup>5</sup> da literatura capixaba. Assim seria possível aproximar do leitor as questões sócio-políticas e culturais do Espírito Santo por meio da literatura.

De acordo com Zilberman (2012, p.52), a “leitura, enquanto prática circula em meio que supõe a exclusão dos sujeitos postos à parte do mundo do letramento, que

---

<sup>5</sup>Milson Henriques, Carmélia Maria de Souza, José Augusto Carvalho, Neida Lúcia Moraes, Elisa Lucinda, Reinaldo Santos Neves, Luiz Guilherme Santos Neves, Fernando Tatagiba, Bernadette Lyra, Ivan Borgo, Waldo Motta, Marcos Tavares, Fernando Achiamé, Sérgio Blank, Miguel Marvila, Paulo Roberto Sodré, Flávio Sarlo, Orlando Lopes, Maciel de Aguiar, Francisco Grijó, Pedro J. Nunes, Erly Vieira Jr., Herbert Farias, Saulo Ribeiro, Francisco Aurélio Ribeiro, Renata Bonfim e demais nomes que demonstram não só bom gosto para escrita, como também forte indícios de qualidade.



se evidencia na qualidade de etapa necessária para sua efetivação”. Aproximar o aluno à literatura do Espírito Santo por meio de práticas de leitura em salas de aula é permitir que os alunos leiam e compreendam efetivamente o contexto social no qual estão inseridos.

Não atestamos que os alunos sejam obrigados a ler os livros publicados em âmbito regional para conhecer com amplitude as expressões políticas e culturais de seu estado, mas pensamos que, por meio das práticas de leitura tendo como suporte o livro, eles não só efetivariam o ato de ler como também valorizariam os escritores regionais.

Ao dar forma a um objeto, um acontecimento ou um caráter, o escritor não faz imposição de uma tese, mas incita o leitor a formulá-la: em vez de impor, ele propõe, deixando, portanto, seu leitor livre ao mesmo tempo em que o incita a se tornar mais ativo (TODOROV, 2009, p.78).

Conforme Barthes (2007), a “ciência é grosseira, a vida é sutil, e é para corrigir essa distância que a literatura nos importa” (BARTHES, p.18). Imbuído desse pensamento entendemos que o trabalho com a literatura do Espírito Santo em salas de aula de ensino médio é uma alternativa significativa para que o aluno tenha mais interesse em ler. Em contrapartida analisamos que tal iniciativa poderia ficar comprometida dado ao fato de o CBEE-ES escolar abordar o ensino da literatura capixaba apenas na terceira série do ensino médio. Diante de tal fato, o professor só trabalharia a literatura do Espírito Santo nas demais séries do ensino médio como algo complementar e não porque o currículo assim o recomenda.

A literatura do Espírito Santo tem boa representação, pois desde os escritores que compõem o cânone capixaba até os estreantes demonstram bom gosto para escrita, estilo literário impecável e grande expressividade. No processo de formação de um público leitor a partir das produções literárias do Espírito Santo, percebemos certos empecilhos. Mesmo havendo grande diversidade de boas produções literárias, observa-se que se lê pouquíssimo as produções da região.

Não sabemos ao certo porque poucos capixabas desfrutam das letras produzidas no estado do Espírito Santo, mas, sem dúvida, poderíamos citar ao menos quatro grandes entraves, entre os quais encontra-se a forma despreocupada e pouco significativa sobre como o ensino de literatura do Espírito Santo é recomendado no CBEE-ES. Paralelamente a isso, verificamos que há grande

escassez de exemplares das obras de escritores capixabas nas escolas estaduais de ensino médio.

A outra, seria a tamanha precariedade em que se encontram as bibliotecas escolares das escolas estaduais. Muito além de não serem espaços confortáveis, não têm um acervo que atenda à demanda e também não conta com profissional especializado na área de biblioteconomia para atender o alunado. Soma-se a isso a ausência de práticas pedagógicas e de conhecimentos por parte dos professores no tocante à literatura do Espírito Santo e aos autores capixabas.

### **Conclusões**

O ensino de literatura nas escolas públicas de ensino médio, administradas pela SEDU, não tem produzido resultado satisfatório, pois as práticas, ao que se sabe, muitas vezes limitam-se à mera leitura e discussão dos estudos apresentados pelos manuais didáticos. Ler e discutir a história da literatura marcada por periodização, escolas literárias ou estilos de épocas e os fragmentos das principais obras publicadas nesses momentos não dá conta de fazer com que o aluno desperte o gosto pela leitura.

Ler fragmentos de textos não dá ao aluno o fôlego de que ele precisa para entender a obra em sua integralidade. Com isso, a interpretação do educando fica comprometida. O ideal é dar liberdade ao educando para que ele se encontre no texto, a partir de suas viagens por meio da leitura. A falta de práticas efetivas, o uso quase que exclusivo do livro didático e a leitura fragmentada das obras não pode ser entendida como prática inovadora. Esse tipo de prática pode fazer com que o educando tenha uma interpretação introvertida da obra.

Constatamos, por meio das reflexões realizadas em torno do assunto discutido, que o engessamento que circunda o ensino de literatura na escola de ensino médio limita o contato do aluno com a literatura produzida no Espírito Santo. Percebemos ainda a necessidade de se resgatar o gosto dos alunos pela leitura, algo que se perdeu em consequência do ensino de literatura na escola pública ser baseado nas práticas fragmentadas e mecânicas.

Acreditamos que o trabalho com a Literatura produzida no Espírito Santo em salas de aula de escolas de ensino médio, pode ser um importante instrumento para

que os alunos reconquistem o gosto pela leitura literária. Para além desses educandos passarem a ler mais e melhor, eles estarão em contato a literatura produzida em terras capixabas.

## Referências

BARTHES, Roland. **Aula inaugural da cadeira de semiologia literária do Colégio de França**. Pronunciada em 7 jan. 1977. Trad. Leyla Perrone-Moisés. São Paulo: Cultrix, 2007.

BESSONE, Tania. **A história do livro e da leitura: novas abordagens**. Floema - Ano III, n.5A, p. 97-111, out. 2009.

CANDIDO, Antonio. **Formação da literatura brasileira: momentos decisivos**. 12. ed., São Paulo: Ouro Sobre Azul / Fapesp, 2006.

BRASIL. Secretaria de Educação Básica. **Orientações curriculares para o Ensino Médio: linguagem, códigos e suas tecnologias**. v.1, Brasília: Ministério da Educação: Secretaria de Educação Básica, 2006.

CEREJA, William Roberto. **Ensino de Literatura: uma proposta dialógica para o trabalho com literatura**. São Paulo: Atual, 2005.

ESPÍRITO SANTO (Estado). **Ensino Médio: v.1 - Área de Linguagens e Códigos (Currículo Básico Escola Pública)** / Secretaria de Educação. Vitória: SEDU, 2009.

LAJOLO, Marisa. O texto não é pretexto. In: ZILBERMAN, Regina (org.). **Leitura em crise na escola: as alternativas do professor**. 11.ed., Porto Alegre: Mercado Aberto, 1993, p.51-62.

RIBEIRO, Francisco Aurelio. Para que ler literatura nos tempos atuais?. **Rev. Academia Espírito-Santense de Letras**. Vitória, v.4, n.1, p.11-15, set. 2012.

TODOROV, Tzvetan. **A literatura em perigo**. Trad. Caio Meira. Rio de Janeiro: Difel, 2009, p. 73-94.

ZILBERMAN, Regina. Leitura: dimensões culturais e políticas de um conceito. **Nonada Letras em Revista**. Porto Alegre, ano 15, n.18, p. 47-70, 2012.

ZINANI, Cecil Jeanine Albert; SANTOS, Salete Rosa Pezzi dos. **Ensino de literatura: possibilidades e alternativas**. Disponível em: <[http://www.pucrs.br/edipucrs/CILLIJ/praticas/Ensino\\_de\\_literatura\\_.pdf](http://www.pucrs.br/edipucrs/CILLIJ/praticas/Ensino_de_literatura_.pdf)>. Acesso em: 2 dez. 2013.